

3. O Bronze Final e a I Idade do Ferro

A região conhece, durante o Bronze Final, um grande aumento populacional por parte de povos que aqui vieram instalar-se, pelo menos desde 1300 a.C. (datação de ^{14}C , do castro do Cerro do Castelo (059) (Batata et al., 2000a, p. 69). Não quer isto dizer que a ocupação mais antiga da região seja a deste povoado, mas é, pelo menos, a única que se encontra datada. De períodos anteriores, os dados arqueológicos são muitos escassos (Calcolítico) e nulos para o Neolítico, numa área que se estende até às faldas sul da Serra da Estrela.

Alguns povoados desta época apenas têm Bronze Final e I Idade do Ferro (Fig. 2), tendo sido posteriormente abandonados; uma boa parte deles permaneceram no tempo, com hiatos ocupacionais ou sem eles. As causas pelas quais desapareceram não se sabem. Nenhum deles tem presença anterior confirmada, apenas suspeitada. Dando voz a alguns autores, pensa-se que poderão ter-se instalado nesta zona por pressão demográfica ou pela procura de metais; a sua associação com explorações mineiras começa neste período a ser mais evidente e a fazer mais sentido.

Se não provêm de comunidades calcolíticas anteriormente instaladas na região, de onde provieram? Do Ocidente? Do Sul? Da Meseta? Não é fácil responder a estas questões. As escavações são ainda poucas e as áreas escavadas, reduzidas. Não foram ainda estabelecidos paralelos para a sua cerâmica. Existem algumas cerâmicas que demonstram contactos com a área ocidental do Maciço Calcário; outras, com o norte do país e outras, com a zona meridional. Por outro lado, a distribuição espacial dos povoados sugere uma progressão de sul para norte e do litoral para o interior, diminuindo à medida que se avança para norte (Fig. 2); a sua maior concentração é ao longo do rio Zêzere.

O Bronze Final da zona do Tejo também é diferente do do interior; no primeiro abundam *habitats* pequenos e sem defesa (casais agrícolas) e no interior são quase todos muralhados. A grande excepção é o Castelo de Abrantes (222) que, pelas suas características, deve ter sido muralhado, bem como o Cabeço das Mós (171). A nível da sua cultura material, não há diferenças significativas entre a cerâmica.

3.1 Ocupação humana dos povoados

A tipologia dos materiais recolhidos à superfície, bem como alguns fósseis directores, cruzados com dados provenientes de escavações arqueológicas desenvolvidas por mim, só ou com outros colegas, nos últimos anos, permitem-nos atribuir-lhes uma cronologia provisória e a caracterização sumária das suas culturas. Não deixamos de ter em conta que a continuação da realização de escavações arqueológicas poderá modificar o panorama aqui pré-estabelecido. Esta precária ordenação cronológica torna-se importante de estabelecer, tendo em vista futuras estratégias de desenvolvimento do projecto *A Idade do Ferro no Médio e Baixo Zêzere* que o autor vem desenvolvendo.

O panorama já é algo diferente da visão de conjunto que apresentámos ao II Congresso de Arqueologia Peninsular, realizado em Zamora, em 1996. O resultado das escavações entretanto realizadas trouxe à luz do dia novas questões e um conhecimento mais aprofundado deste período.

Não poderemos falar em povoados exclusivamente do Bronze Final, como antes defendíamos, pois a presença, difícil de detectar, de cerâmicas da I Idade do Ferro começa agora a ser mais frequente (Fig. 18). O único povoado que não parece apresentar cerâmicas deste período é o Cabeço do Redondo (002), onde a recolha superficial apenas deu cerâmicas típicas do Bronze Final; tal não significa que, quando for escavado, o resultado não possa ser diferente. Um caso paradigmático foi o Cerro do Castelo, onde a recolha superficial apenas revelava materiais do Bronze Final e as campanhas realizadas revelaram algumas cerâmicas e uma muralha (Fig. 8-2) que sugerem uma ocupação também na I Idade do Ferro. Outro caso, mais recente, é o povoado de Nossa Senhora dos Milagres (036), onde as recolhas superficiais efectuadas por mim e por Costa Santos revelavam cerâmicas do Bronze Final e as primeira e segunda campanhas de escavações revelaram a existência de uma I Idade do Ferro, bem demarcada da ocupação anterior.

3.2 Estruturas habitacionais

São poucas as informações sobre as estruturas habitacionais dos povoados da região em estudo. De facto, dos 16 povoados e sítios abertos deste período, apenas em quatro se conhecem dados sobre as estruturas habitacionais, todas provenientes de escavações arqueológicas. Confirmam, no entanto, o que se passa em outras regiões (Fabião, 1993, p. 131; Vilaça, 1995, I, p. 260), apresentando as estruturas planta circular ou elíptica.

As primeiras informações sobre estruturas habitacionais na zona são-nos reveladas por Maria Amélia Horta Pereira e Thomas Bubner (Bubner, 1983, 1984), que realizaram escavações arqueológicas no Castelo Velho do Caratão (143), em 1983 e 1984. Dos relatórios produzidos, verifica-se que foram postos à vista dois níveis distintos de ocupação, embora os autores não os distingam inequivocamente. Assim, referem que no quadrado XI14/y64 encontraram paredes rectilíneas que assentavam sobre nível anterior que se vê na planta serem construções elípticas. Também em XI21/y64, nível 4, encontraram uma lareira de barro cozido destruída por construção mais recente. Ainda no quadrado XI01/y74 encontraram outra lareira associada a muro elíptico, cortado por muro rectilíneo.

As sondagens arqueológicas no povoado do Cerro do Castelo, efectuadas por mim, nos anos de 1995 e 1996, foram inconclusivas no que toca a estruturas habitacionais. O sector D revelou, no estrato 3, alguns alinhamentos de pequenas pedras, mas devido ao facto de os materiais se encontrarem descontextualizados, parecendo mais serem escorrências provinidas do topo do cabeço, a sua interpretação como estrutura é duvidosa (Fig. 8-1). O não aparecimento de barro de cabana acentua essa dúvida.

As escavações de emergência realizadas em 1997, no castro de Santa Maria Madalena (028), revelaram no Sector B, estrato 4 (junto ao substrato rochoso), um muro elíptico de que foram postos à vista cerca de 4 m; no extremo oeste unia-se a um afloramento rochoso. A falta de continuidade dos trabalhos não permitiu a delimitação da elipse, de forma a obter a sua planta completa (Fig. 7-2).

Em 4 campanhas realizadas em 1994, 1996, 1997 e 1999, na Quinta da Pedreira (230), Paulo Félix definiu a estação arqueológica como um casal agrícola ou uma aldeia, situada em encosta baixa, junto ao Tejo, não fortificada. Apresenta um alinhamento de blocos de granito formando uma larga elipse, com um pavimento em argila. Os materiais exumados e o aparecimento de buracos de poste levam o investigador a pôr a hipótese da existência de dois momentos de ocupação, com o seu início por volta do século XIII a.C. (Félix, 1997b, p. 33-37).

Em 1998 e 1999, levei a cabo duas campanhas de escavação no castro de Nossa Senhora da Confiança (015), localizando no Sector C, escavado em 1999, parte de uma estrutura circu-

lar, no estrato 4, cuja interpretação funcional não se encontra definida (Fig. 7-1). A ausência de posteriores campanhas de escavação tem obstaculizado à sua interpretação (Batata, 2000).

Finalmente, a primeira campanha de escavações no castro de Nossa Senhora dos Milagres, realizada em 2000, pôs em evidência a existência de um momento do Bronze Final com duas cabanas elípticas, uma delas com uma lareira de argila cuidadosamente construída, com pavimento de areão granítico que sela um momento anterior do Bronze Final. Uma das cabanas está dividida por um muro rectilíneo claramente posterior e ao lado existe um outro a que se podem associar duas lareiras de construção diferente da do Bronze Final, cujas cerâmicas apontam para um ambiente da I Idade do Ferro. É assim possível diferenciar o Bronze Final da Idade do Ferro, o que não se tinha conseguido nas intervenções em povoados anteriores. Uma primeira revisão dos materiais exumados nas anteriores escavações mostrou ser possível isolar algumas formas como sendo formas da I Idade do Ferro (Fig. 18-1 e 2).

A segunda campanha, realizada em 2001, evidenciou ainda mais a existência de uma I Idade do Ferro, sobreposta ao Bronze Final, ao definir claramente o resto do compartimento de muros rectilíneos do ano anterior com duas lareiras de técnica construtiva diferente das do Bronze Final. Permitiu ainda definir a existência de uma outra lareira na segunda cabana do Bronze e ainda uma provável camada de combustão associada à I Idade do Ferro ou posterior. O nível da Idade do Ferro forneceu meia conta de colar em vidro, fenícia, meia conta de colar em marfim e uma faca de ferro rebitada a bronze. O nível das cabanas revelou um molde de foices tipo Rocanes.

Paulo Félix viria ainda a realizar sondagens no castro do Cabeço das Mós, tendo detectado algumas estruturas.

3.3 Estruturas defensivas

A maior parte dos povoados rastreados possuem muralhas defensivas. Assim, dos 22 povoados inseridos neste período, 13 têm estruturas defensivas, o que representa cerca de 60% do total, 13% com prováveis muralhas e os restantes 27% são povoados abertos. Destes últimos, a maior parte situa-se na parte sul da região em estudo, junto do Tejo.

Uma primeira reflexão indica já uma diferença em relação aos povoados rastreados e estudados por Raquel Vilaça na Beira Baixa, onde são raras as estruturas deste tipo (Vilaça, 1995, I, p. 256-258).

No grupo dos povoados fortificados, apenas o castro de Nossa Senhora da Confiança apresenta uma só muralha com a largura entre 6 e 7 m, constituída por grandes blocos de granito arrancado do afloramento próximo. O Castro da Amêndoa (117) parece apresentar uma única muralha. O castro da Serra do Castelo (041), apesar de muito destruído pela plantação de eucalipto, deixa ver restos de uma muralha. O castro do Cabeço das Mós apresenta também uma muralha, bem como o Castelo Velho da Zimbreira (133). Os castros de Nossa Senhora dos Milagres, Santa Maria Madalena e Cerro do Castelo parecem apresentar dois alinhamentos defensivos. Esta hipótese também é provável para o castro do Castelo Velho do Caratão. Com dois alinhamentos bem visíveis é o castro do Castelo do Santo (120).

São Pedro do Castro (099) é o único povoado que possui uma mais complexa rede defensiva. Não será toda da época que estamos tratando, mas aí começou certamente (Fig. 10-1 e 2).

Alguns povoados têm provavelmente sistema defensivo, embora ele não seja visível a olho nu. Estão nestas condições o Castro de Dornes (097), o Cabeço do Redondo e o Cabeço dos Castelos (043).

Sem estruturas defensivas aparece o povoado de Casal das Freiras I (207) e os casais agrícolas da Pedreira (Félix, 1997, p. 36) e Carrascal (229).

3.4 Materiais cerâmicos e metálicos

Como já foi referido anteriormente, têm sido os materiais que nos têm permitido identificar e classificar as estações arqueológicas. De uma maneira geral, a cerâmica manual apresenta paredes alisadas ou brunidas e algumas carenas, que nos permitem inseri-las no Bronze Final. As da I Idade do Ferro começam a apresentar perfis em S e bordos esvasados. Associa-se uma pequena percentagem de cerâmicas decoradas com incisões ou dedadas no bordo, sendo raras as decorações das paredes, com excepção dos povoados do Castelo Velho do Caratão e Nossa Senhora dos Milagres. Aparecem ainda fragmentos com apêndices no bordo ou pegas mamilares e mamilos na carena. O sílex aparece em muito pequena quantidade, geralmente em peças incaracterísticas. Tal como para a cerâmica, também existem excepções: os castros de Nossa Senhora da Confiança e Nossa Senhora dos Milagres revelaram lâminas de sílex que podem ser indiciadoras de contextos arcaizantes.

Em relação às características das peças de cerâmica, existem já teorias que subdividem o Bronze Final em duas etapas: uma de cerâmica predominantemente rude, com decorações incisadas ou dedadas no bordo, apêndices no bordo, pegas mamilares e mamilos na carena, associadas ou não a artefactos de sílex e que poderia ser colocada no período entre 1300 e 1000 a.C. Por outro lado, no período 900 a 700 a.C., a cerâmica seria predominantemente brunida, com grande quantidade de carenas e decoração incisa ou brunida na pança; associavam-se à grande produção de machados de alvado.

Como é conhecido, existe uma grande dificuldade em distinguir as cerâmicas do Bronze Final das da I Idade do Ferro, sendo estes períodos constantemente associados devido à dificuldade em os distinguir; o autor da tese usou a mesma terminologia mas, em face das recentes escavações, parece começar a ser possível distinguir algumas das cerâmicas. Estariam inseridas cronologicamente num período que iria de 700 a 500 a.C. Dos castros que parecem apresentar cerâmicas da I Idade do Ferro, referiríamos o do Castelo Velho do Caratão, provavelmente os de Nossa Senhora da Confiança e Santa Maria Madalena e de certeza o de Nossa Senhora dos Milagres.

No que respeita aos achados metálicos, a grande projecção vai para o Castelo Velho do Caratão, com uma grande e diversa quantidade de materiais metálicos, inseríveis no Bronze Final e Idade do Ferro e o depósito de fundidor de Porto do Concelho (142).

Para além deste, os materiais metálicos achados não são muito frequentes. O Cerro do Castelo revelou à superfície metade de uma pulseira em bronze e na encosta sul de São Pedro do Castro foi achada uma foice de bronze tipo Rocanes (Ponte, 1994, p. 155-157). O castro de Nossa Senhora dos Milagres revelou, na primeira e segunda campanhas de escavações, fragmentos de agulhas (?) e um aro em bronze correspondentes ao Bronze Final e um fragmento de faca em ferro com rebites em bronze, correspondente ao nível da I Idade do Ferro.

Como achado isolado temos umas espirais em ouro em zona já marginal à área em estudo (Serra do Maxial, Pampilhosa da Serra) (Batata et al., 1994, p. 48-50), mas suficientemente próxima do Zêzere para aqui ser referida.

3.5 Necrópoles

São muito escassas as informações de carácter funerário na região em estudo sobre locais de enterramento dos mortos das populações do Bronze Final/I Idade do Ferro.

Perto do povoado do Cabeço do Redondo, recolhemos a notícia da existência de, pelo menos, uma provável cista, dentro da povoação de Signo Samo, que foi completamente destruída pelos seus achadores; situar-se-ia perto da fonte da aldeia (Batata et al., 1994, p. 39).

Na encosta sul ou oeste do castro de São Pedro do Castro, parece situar-se uma necrópole, mas a falta de elementos não nos permite saber se também tem ocupação do Bronze Final/I Idade do Ferro, dado que o povoado teve uma grande longevidade: desde o Bronze Final até, pelo menos, ao século III d.C.

O Castelo Velho do Caratão revelou também uma estrutura identificada pelos arqueólogos que o escavaram como sendo um *tumulus* com cerca de 8 m de diâmetro ao nível do solo e com dois metros de profundidade, construída com pedras grandes e pequenas. No interior acharam-se cinzas e algumas pedras tinham sinais de fogo; no fundo existiam duas lajes. Os seus investigadores apenas encontraram dois fragmentos de cerâmica lisa, igual à que aparecia no povoado.

3.6 Mineração e metalurgia

É conhecida a apetência, por parte dos povos do Bronze Final, pela exploração de metais. Embora a região não seja rica em achados metálicos, com excepção para o concelho de Mação, documentam-se algumas actividades metalúrgicas em povoados e materiais relacionados com a exploração de minas a céu aberto, provavelmente, através da exploração de metais nos terraços aluvionares, situados perto destes povoados.

O estudo das explorações mineiras será feito em capítulo próprio, pois parece-nos importante um estudo global e diacrónico sobre os sistemas de exploração documentados no terreno.

Quanto às actividades metalúrgicas, alguma coisa é possível equacionar. Os dados existentes são provenientes de escavações arqueológicas: assim, no Castelo Velho do Caratão, os autores falam em martelos mineiros que poderiam estar relacionados com a exploração de algumas conheiras existentes nas imediações do povoado (Fig. 6). No Cerro do Castelo, foi achado um possível molde de pontas de setas, nas sondagens de 1995, escavado num seixo de anfíbolite que se encontra partido, nunca devendo ter chegado a ser usado. As escavações de 1999 no castro de Nossa Senhora da Confiança, revelaram, no Sector C, perto de uma estrutura circular, um pingo de fundição em bronze ou cobre, um pingo de estanho ou chumbo e alguns fragmentos de minério natural, talvez cassiterite. Foram também encontrados muitos percutores de quartzo leitoso que parecem estar ligados à actividade metalúrgica. Para além deste material, na parede da estrutura encontrava-se uma mó plana quebrada que estava picada nos bordos e polida no centro. No conjunto, não parece ser uma vulgar mó para triturar o cereal, mas parece antes estar ligada aos outros materiais metalúrgicos. Para além disso, apareceram vários fragmentos de cerâmica com cinzas no interior que podem estar ligados à metalurgia. Poderiam ser vasilhas-forno, como referência Gómez Ramos (1999, p. 182-186) ou Delibes de Castro et al. (1997, p. 21-22).

No castro de Nossa Senhora dos Milagres, nas escavações aí realizadas, também foram achados pingos de fundição em bronze, um molde de foices tipo Rocanes em xisto anfibólico e uma estrutura de combustão com uma grande e extensa camada de cinzas associada. Já antes Costa Santos apresentara, entre os materiais recolhidos à superfície (Santos, 1997, p. 62), vários fragmentos de escória de ferro e uma outra que poderá ser de bronze. De igual modo, achou fragmentos de pança de dois cadinhos e um cabo ou tubeira de fole em barro.